

Jornal	A Gazeta
Local	
Data	-4 AGO. 19. 5

NA UNDECIMA HORA...

A gripe e o transporte coletivo

O morador da capital bandeirante vive molestando por todos os obstáculos e chateações que somente o demônio poderia ter fabricado. Não é apenas a mudança repetida da atmosfera, suplicio que faz a gente se pôr de cautela. Vejam só o que aconteceu de ontem para hoje, com o noroeste que soprou pelas ruas e ergueu a poeira das demolições praticadas pelos destruidores a serviço da Prefeitura. Quem havia de dizer que iríamos acordar, neste sábado, com frio, depois do calor de ontem? Puxa vida! como usa exclamar o meu amigo Spacatutto. Cadê brônquio para resistir a essas transmutações do clima? Um camarada muito sabido, velho habitante destas alturas, afirmava com razão: quem aguenta noventa anos a incerteza do calor e do frio, mais a umidade e a garoa de São Paulo, pode chegar a um século de existência... Observador de pulso, não tem dúvida.

E a gripe ronda por aí. No Rio de Janeiro, está assumindo caráter epidêmico, embora seja branda. Quer dizer, uma epidemiazinha camarada, de pôr o time de cama dois ou três dias. Providências e cautelas são recomendadas pelo serviço de Saúde Pública. Dão-se conselhos de prevenção, como evitar as filas, os cinemas, os comícios políticos, vale dizer tudo quanto seja reunião. Porque é no aglomerado que se acha o perigo do contágio. Cá pelas nossas bandas, essas medidas devem também ser observadas. A gripe já se encontra entre nós, recém chegada da Europa. Viajou bem, dizem que na companhia de nossos pracinhas. Mas evitar as filas e os amontoamentos, como e de que jeito?

A cada dia que passa, cresce o dolo do pessoal nos pontos de onibus e bondes. Aumenta a população, e a falta de veículos agrava o problema do transporte coletivo. Que coisa admirável para os germes da famosa influenza que, segundo se esclarece, deixou de ser espanhola para ser italiana. O que se verifica em lugares terminais das linhas, é mesmo de assustar. Quando não é a fila desdobrada por voltas sem fim, esgotando a calma dos passageiros, é a furiosa disputa dos que carecem de tomar às pressas os carros da Light. De uma ou de outra maneira, continua o desserviço ao público, relativamente à condução urbana. Ha instantes em que se chega quase a perder a paciência, devido à espera. São poucos os veículos, e o retardo complica a existência dos que têm necessidade de serem levados a seu destino.

Quando da recepção aos heróis da FEB, a prova da insuficiência das condições atingiu o ponto culminante. Não que eu vá ao absurdo de pretender que houvesse bondes e onibus para aquele milhão de pessoas alagando ruas e praças e avenidas. Mas é certo que o transporte não bastou sequer a deslocar um terço da multidão. Quase todo o mundo ficou a pé, na contingência de se locomover penosamente debaixo da canícula das horas abafantes. Era a procissão de indivíduos cansados, abatidos, rúmo aos batros e sem esperança de chegarem logo. O caso foi excepcional, não se nega. Todavia, cabe a crítica à pessima organização do transporte coletivo que, com manifestação pública ou sem isso, não melhora coisa alguma. Antes, empeora. Não adianta o esperneio dos lesados. Não está aí, o exemplo do "circular" que, como demonstrou A GAZETA, é o maior martírio deste ultra resignado paulistano que os maus psicólogos consideram espinhado e rebelde?

E o acúmulo de passageiros nos bondes e nos onibus de certas linhas? E' de exasperar. Também inexiste outro recurso. Os passageiros têm pressa e se sujeitam a viajar como sardinhas, esbarrados, comprimidos, sofrendo toda sorte de incomodos. Ainda por contrapêso, a dança de lançadeira do cobrador, de lá pra cá, de cá pra lá, pisando e empurrando a torto e a direito. A situação de quem precisa de condução é horrível. Muitos desanimam, preferem ir andando até suas casas. Mas aos pontos distantes é impossível. No entanto, o público leva as desvantagens. Se leva! Basta dizer que é constrangido a pagar bem caro o suplicio. Aumentaram-se os preços dos onibus para isso. E se quiserem.

Onde eu estava? Ah, sim, no assunto da gripe. Estou vendo que, além das atuições indicadas, o ordinariíssimo serviço do transporte urbano sotopõe os passageiros à ameaça da tal epidemiazinha camarada. Porque não ha meios de obedecer às prescrições da Saúde Pública. Como é que pode a gente fugir à aglomeração, se não ha saída diferente? Como é que a gente arranja outra possibilidade de condução, a não ser essa? Então, que o microbio da italiana prossiga a "blitz" contra a nossa resistência organizada. Deixem os bichinhos aproveitarem. Ha de vir a hora de a mamata acabar para eles também.

Antonio Constantino

ELE RPU MPJ. 0393-013
SANEAMENTO